

ADAPTAÇÃO E ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA GENÉTICA

Elizabeth Lima
Marlene Simionato
Gabriela Hahn Agostinho

Introdução

A partir dos estudos realizados no laboratório de epistemologia da psicologia e psicologia genética da Universidade Estadual de Maringá – UEM – foi proposta a presente pesquisa como um estudo exploratório de base *on-line* na área da psicologia e da educação. A pesquisa buscou aprofundar os conhecimentos acadêmicos acerca do desenvolvimento humano, importantes para a formação e atuação do psicólogo; destacando o estudo da adolescência, na perspectiva da adaptação e da psicologia genética. O estudo estende a análise da adaptação para além de uma avaliação de estrutura cognitiva e individual do sujeito, em uma direção macro social da adolescência em que os fatores do desenvolvimento – maturação, experiência, transmissão social, são considerados para se apreender a adaptação; mecanismo de equilibração e auto-regulação.

A adolescência para Piaget e Inhelder (1976) é considerada como um período menos egocêntrico em termos de operações do pensamento e de interações afetivas e sociais, ou seja, o sujeito não se prende só à perspectiva própria, pode considerar diferentes perspectivas em jogo na interação com o objeto e com o outro, podendo alcançar uma apreensão mais elaborada e objetiva da realidade.

Entretanto, o fato de ocorrer uma diminuição geral do egocentrismo não significa que todas essas conquistas ocorram exatamente ao mesmo tempo e na mesma proporção. Piaget (1982) defende o desenvolvimento como um processo, construído em interação. De início, são indiferenciados sujeito e meio e a interação entre eles se apoia nas experiências motoras e sensoriais do sujeito buscando solucionar questões práticas e não propriamente compreendê-las, a partir daí o sujeito constrói o conhecimento de mundo e ao mesmo tempo de si próprio.

Esta compreensão alcança formas mais elaboradas sem descontinuidade, semelhante ao equilíbrio na cibernética, cujo processo se dá por compensações ativas do sujeito em resposta às perturbações do meio e de regulagens ao mesmo tempo antecipadora e retroativa,

sem um começo e fim absolutos, o que explica nossas possibilidades e motivos de curiosidade e crescimento constantes.

Segundo Piaget (1986), o começo remonta às estruturas nervosas e fisiológicas do organismo (fusão entre orgânico e psíquico) e o equilíbrio final só é alcançado como um construto teórico pela via das operações lógico matemáticas. Ao longo desse processo, que é constante, diferentes estruturas mentais são construídas, caracterizando cada uma delas formas específicas de interação e compreensão do sujeito em relação ao meio físico e social. O adolescente pela conquista do pensamento abstrato, conceitual e hipotético é mais descentrado, capaz de uma apreensão mais objetiva da realidade; entretanto ele é acima de tudo um idealizador, falta a ele a vivência.

O mecanismo básico desse processo é a adaptação, que é a busca de equilíbrio na interação do sujeito com o meio e o seu correlato interno, a organização, que é a adaptação em curso, que garante coerência e preservação do sistema. Durante toda a vida do ser humano as ações são desencadeadas por necessidades (desequilíbrios) fisiológicas, afetivas ou intelectuais e é próprio do organismo buscar o equilíbrio.

A adaptação se dá por meio de dois mecanismos complementares a assimilação e a acomodação. A assimilação é a integração de um novo conceito ou experiência às estruturas já existentes, é atribuir significados, ou agir sobre o objeto. E a acomodação é a modificação dos esquemas de assimilação em decorrência das próprias pressões exercidas pelo meio.

Segundo Piaget (1980), o desenvolvimento ocorre pelo mecanismo interno autorregulador em coordenação com os fatores – maturação biológica (notadamente do sistema nervoso central e hormonal); experiências do sujeito com o meio; transmissão social, compreendida como a família, a escola e os meios de comunicação. O desenvolvimento mental acontece par e passo com o moral, este último significando uma interseção entre o cognitivo e afetivo e ambos se constroem pela coordenação das ações do sujeito e coordenação dos pontos de vistas entre os sujeitos. Por isso mesmo, é tanto individual quanto social e compreende o aspecto estrutural (cognição) e aspecto energético (afetividade).

No adolescente este equilíbrio ultrapassa amplamente as possibilidades do pensamento preso ao concreto, “pois, além do mundo real, engloba as construções indefinidas da dedução racional e da vida interior” (Piaget, 1986, p. 65). Entretanto, o fato de ocorrer uma

diminuição geral do egocentrismo e neste sentido ser mais adaptado à realidade, não significa que todas estas conquistas ocorram exatamente ao mesmo tempo e na mesma. O adolescente pela própria conquista do pensamento abstrato, conceitual e hipotético é mais um idealizador, falta a ele a vivência, para que ele possa ser mais realizador como o adulto.

Adaptação para Piaget (1976, 1980, 1986) significa possibilidades em termos de estruturas mentais (que também envolve o componente afetivo e social) de estar em equilíbrio com o meio. Este equilíbrio, no caso do adolescente, pode significar tanto condutas de adequação e até conformismo ao meio, como condutas que levem à transformação do meio, conforme as suas experiências, necessidades, ideais e valores.

Objetivos

Verificar o que as pesquisas na área da educação e psicologia tratam sobre adaptação – adolescência e investigar em particular como se apresenta a adaptação dos adolescentes à realidade social.

Método

Trata-se de um estudo exploratório de base *on-line* na área da psicologia e da educação. Foi adotado como material de consulta quatro periódicos *Qualis* “A” da CAPES na área da educação e psicologia, a saber: Cadernos de Pesquisa - SP; Psicologia: teoria e pesquisa – UNB-DF; Psicologia: reflexão e crítica UFRS-RS; Psicologia em Estudo UEM-PR e foi considerada a produção *on-line* ocorrida nos anos de 2000 a 2009.

Após identificar todas as edições, procedeu-se à seleção dos artigos, pelas palavras do título adolescência – adaptação; pela leitura dos resumos e quando necessário das introduções e conclusões. A seleção final foi baseada no acordo duplo entre acadêmica e orientadora, quanto à adequação dos artigos ao estudo da adaptação, ou seja, investigavam o comportamento e/ou explicação, julgamento ou representação dos adolescentes.

Os artigos, num total de 45, envolveram coleta de dados junto aos adolescentes brasileiros, não sendo considerados aqueles só teóricos ou cujo objetivo não fosse o próprio adolescente e sim a avaliação de alguma metodologia de investigação ou de intervenção junto a essa população. Os artigos foram agrupados e analisados em categorias: situação de rua;

drogadição; violência; sexualidade e gênero; trabalho; família; diferenças sociais; perspectiva de futuro. Os resultados encontrados em cada artigo e as variáveis consideradas nos mesmos, idade, sexo, escolaridade, nível sócio econômico, foram balizadas para a compreensão da adaptação. Foi feito uma síntese de cada pesquisa e estabelecidas relações entre elas por categoria e entre categorias.

Análise e discussão

O trabalho possibilitou o acesso a um vasto material bibliográfico sobre a adolescência na primeira década do século XXI, e o seu conteúdo pode, conforme o recorte feito, gerar uma variedade de temas específicos de análise. Foram priorizados nos conteúdos os aspectos relevantes para a discussão da adaptação, respeitando as ideias dos autores dos artigos; aqui mais sintetizados para atender às normas científicas do Congresso.

É preciso destacar que não foram encontradas pesquisas cujo título compreendesse o binômio – adaptação e adolescência; o entendimento sobre como se dá a adaptação do adolescente foi possível pela investigação de suas experiências, opiniões e julgamentos acerca da realidade do que propriamente por suas análises críticas sobre a mesma, estas não se constituíram enquanto objeto específico de estudo das várias pesquisas; entretanto, nas situações em que tal objetivo foi buscado reforçou a discussão aqui realizada.

A adolescência é delimitada, conforme a Organização Mundial de Saúde, compreendendo a faixa etária dos 12 aos 19 anos. A diversidade e riqueza dos dados tornam difícil a definição de um padrão único de comportamento e julgamento entre os adolescentes.

Sobre a adaptação expressa em experiências (comportamentos) e representações (julgamentos, avaliações) pudemos identificar e categorizar: situação de rua; drogadição; violência; sexualidade e gênero; trabalho; família; diferenças sociais; perspectiva de futuro.

A “situação de rua” (experiência vivida por adolescentes pobres e de baixa escolaridade) e o uso de drogas (prática exercida por adolescentes de diferentes níveis sociais e escolares) mostram um fascínio e um poder ilusório que estes exercem sobre os adolescentes e em ambos os casos a interação e as experiências dos adolescentes com essa realidade acontece através de um percurso. Entretanto, mesmo existindo esse percurso, pouco

eficientes têm sido as instituições de apoio ao adolescente e à família para evitar o desfecho seja para a condição de rua, seja para a drogadição.

A expressão “situação de rua” foi criada por Koller e Hutz (citado por Maciel, Brito e Camino, 1997) para nomear de forma mais adequada “meninos de rua” e “meninos na rua”; neste último caso não residindo na rua, mas tendo e vivendo em casa com a família. O estudo feito por Maciel, Brito e Camino (1997), em João Pessoa, demonstrou que os meninos têm grande valorização do trabalho e pouca valorização de atos delinquentes; a maioria reside com as famílias. No Estudo realizado por Campos, Del Prette e Del Prette (2000) em São Carlos-SP foi observado também que a rua é utilizada como local de trabalho não a utilizando como moradia. Santana, Doninelli, Frosi e Koller (2005), em estudo realizado em Porto Alegre-RS, verificaram casualmente que a maioria dos jovens pesquisados era do sexo masculino, confirmando a predominância de gênero observada por outros estudos, e tinha a rua como forma de buscar “uma ocupação, dinheiro, precisando, em sua maioria conseguir auxílio para levarem para suas famílias ou para drogas na rua”.

Predomina nessa população a baixa escolaridade (primeira ou segunda série do ensino fundamental), entretanto, todos indicaram ter tido ou ainda ter alguma experiência com a escola, ainda que a frequentem esporadicamente. Além de diferentes perfis os estudos permitiram observar diferentes características de adaptação dos sujeitos. Em relação ao conhecimento que tinham sobre as instituições que lhes prestam atendimento, Santana, Doninelli, Frosi e Koller (2005) observaram que os adolescentes são capazes de: identificar a função material, pedagógica, profissionalizante, de cuidados e de apoio social e afetivo e também foram capazes de descrever a dinâmica e rotina de funcionamento das instituições.

Os adolescentes precisam resignificar o conceito de rua (Menezes & Brasil, 1998), pois esta tem uma referência paradoxal: mostra-se violenta, mas também dá apoio e proteção, fornece as bases materiais de sustento e abrigo e as de pertencimento e de ludicidade.

Campos, Del Prette e Del Prette (2000) verificaram que os adolescentes estudados mostram um conjunto de habilidades interpessoais importantes que, segundo os autores, até podem ser por curto prazo, mas constituem-se enquanto estratégias de sobrevivência, a saber: defender direitos, negociar interesses, recusar e aceitar recusas e pedidos como o uso de drogas, ou participação em infrações. Entretanto, têm escassas oportunidades para

desenvolverem habilidades de expressar sentimentos positivos, fazer perguntas, lidar com críticas e “chacotas” e controlar a agressividade. Silva e Moro (1998) em estudo com adolescentes de rua que nunca tinham tido contato com computadores, verificaram que a linguagem logo pode constituir-se enquanto possibilidade para auxiliar na construção de uma identidade positiva de si, o que pode favorecer para a não delinquência dos mesmos.

O uso de drogas é praticado por um grupo mais diversificado de adolescentes (diferentes níveis social e escolar), também a droga exerce um poder paradoxal, com um efeito simbólico e afetivo imediato (fornece prazer, apoio, pertencimento ao grupo e poder) e ainda traz benefícios sociais e materiais (trabalho e dinheiro). Entretanto, à medida que o adolescente está inserido nesse contexto torna-se seu refém, depois passa a desvalorizá-lo e a si mesmo, posteriormente sente-se culpado, mas não se encontra em condições de sair; o adolescente então se adéqua a ele (Pereira & Sudbrack, 2008).

Estudos de Araujo e Gomes (1998) e Pratta e Santos (2007) mostram a relevância da presença dos pais, a importância da atenção e autoridade estabelecida com os filhos, baseada em relações de confiança e respeito, favorecendo para a ação responsável, por exemplo, diante de drogas. Para Piaget não só os pais outros adultos significativos e de respeito influenciam na educação e na autonomia de crianças e adolescentes. A concepção que os adolescentes têm sobre família parece indicar que, apesar das mudanças estruturais ocorridas na mesma, alguns valores, crenças e projetos de vida ficaram imunes a essas transformações a ponto de não afetarem suas concepções sobre a constituição da própria família (Wagner, Falcke & Meza, 1997).

A explicação das causas da violência é divergente entre os adolescentes: para aqueles de escolas públicas, os fatores são mais sociais (as desigualdades sociais, o dinheiro e o poder, a falta de atividades para jovens, a discriminação e a maldade de certas pessoas). Os alunos das escolas particulares destacam mais os fatores pessoais (uso de drogas e álcool, as amizades, a necessidade de "entrar na onda", o exibicionismo). A grande convergência de opinião entre eles foi o entendimento de que a violência pode ser gratuita e tende a surgir por motivos fúteis, sobressaindo como violento os casos em que acabam em agressão física. De acordo com Guimarães e Campos (2007), os adolescentes pesquisados parecem conviver com

dois referenciais de conduta, o da sociabilidade, legalmente instituída, e o da sociabilidade violenta.

A instituição escola não fez diferença para uma reflexão mais elaborada e crítica sobre a violência por parte dos adolescentes, as intervenções nas escolas privadas são mais de controle e segurança, e as públicas são até de policiamento, mas em ambas não é relevante um trabalho, ou um projeto de prevenção e educação.

Em relação à sexualidade, também não existe um padrão único de comportamento e julgamento sobre o sexo. Em adolescentes de nível sócio econômico baixo, observou-se a prática do sexo seguro, com entendimento do sexo prazeroso e a prática do sexo não seguro, conferindo à mulher a responsabilidade pela prevenção. Adolescentes de escolas públicas e privadas apresentaram um julgamento moral conservador dos papéis sexuais, reproduzindo estereótipos de gênero, com superestimação do macho, provedor, razão pela qual Fávero e Abrão (2006) questionam o papel da educação escolar em proporcionar outro ideário diferente do midiático. A família, principal apoio do adolescente, exercita pouca discussão baseada no respeito e troca de pontos de vista.

Os estudos sobre a relação dos adolescentes com o trabalho (Sousa & Alberto, 2008; Amazarray, Thomé, Souza & Koller, 2009; Oliveira, Fischer, Amaral, Teixeira & Sá, 2005), concordam que as causas para o fenômeno da inserção precoce de crianças e adolescentes no mercado de trabalho é principalmente devido à pobreza, porém exerce influência fatores como os sociais e os culturais. Todos os estudos destacam que predomina nos adolescentes, tal como na sociedade em geral, uma apreensão ingênua e moral do trabalho, como aquele que (desenhos) de profissões, sua remuneração e status social. (Menin, 2000). Entretanto deixa de existir vantagens e coerência no desempenho daqueles adolescentes, quando a supre as necessidades e aquele que enobrece o homem, sem uma reflexão crítica sobre suas possibilidades de promover mudanças na natureza e na sociedade e como gerador de prazer e significado para quem o executa.

Sobre a relação entre o julgamento, as representações sociais dos adolescentes frente a diferentes aspectos da realidade, como justiça social, profissões, status social, remuneração, pudemos observar que os adolescentes de nível sócio econômico alto em relação aos pobres demonstram maior adequação para identificar e estabelecer relação entre o real o simbólico

questão versa sobre o julgamento de como deveria ser essa relação (profissões - remuneração – status). O que leva a indagar se os adolescentes são estimulados ao exercício da reflexão.

Segundo Sampaio, Monte, Camino e Roazzi (2008), os adolescentes por eles estudados não demonstraram que a empatia exerça influencia positiva sobre o julgamento da justiça distributiva, mas puderam observar mais viés pessoal no julgamento de situações concretas e próximas aos adolescentes do que nas situações em que a justiça dizia respeito a questões sociais mais amplas. Tais características reforçam a posição defendida por Piaget (1986) de que o adolescente é mais idealizador do que realizador, é capaz de teorizar, mas parece ter dificuldades em analisar com mais objetividade questões próximas a ele.

Em Menin (2000) predominou em adolescentes menores, do sexo masculino e de baixa instrução o caráter mais repressivo no julgamento sobre a infração. Em Menin (2003) também os mais pobres avaliaram com notas mais severas as infrações; entretanto, nesse estudo as mulheres foram mais severas que os homens. Já no estudo de Souza e Vasconcelos (2003) os adolescentes infratores mostraram que conhecem as regras institucionalizadas; mas são capazes de relativizá-las conforme o contexto. Portanto não são tão severos no julgamento e também, não se mostraram centralizadores, pois recorrem a outros personagens inclusive ausentes para hipotetizar um auxílio.

Sobre como os adolescentes consideram as perspectivas de futuro, Günthe e Günther (1998) buscaram verificar como se dá adaptação dos adolescentes. Conceito considerado dentro do referencial da “Teoria Social Ecológica de Bronfenbrenner & Crouter, (1983) e posteriormente denominada por Bronfenbrenner & Morris (1998), como “*Modelo Bioecológico*”. Segundo Günthe e Günther (1998), tal abordagem dá relevância à rede de comunicação existente entre os “*seres em desenvolvimento e os contextos sociais* a que devem adaptar-se psicologicamente” e nessa interação as experiências das pessoas seriam como subsistemas dentro de sistemas sociais próximos (família, amigos, por exemplo), até ambientes mais amplos, dispostos como círculos concêntricos. Diferente, portanto, do modelo explicativo em forma de anéis da cibernética, adotado por Piaget (1980) para ilustrar a interação sujeito-meio.

A análise estatística realizada por Günthe e Günther (1998) apontou duas relações significativas: “(a) adolescentes, de escola privada e cursando séries mais avançadas

apresentam maiores expectativas de concluir o segundo grau e entrar para a universidade; (b) aqueles que não frequentam uma escola privada suas respostas associaram-se mais à expectativa de não conseguirem emprego que garanta boa qualidade de vida, e não possuir casa própria”. Günthe e Günther (1998) consideram legítimo afirmar que os adolescentes, sujeitos da pesquisa, manifestaram compreensão sobre a estrutura de oportunidade que lhes parece disponível. Esta compreensão reforça a posição de De Leone (citada por Günthe e Günther, 1998) em que o pior da pobreza não está no que ela dificulta no presente, mas no que ela promete de igualmente ruim para o futuro das pessoas.

Para os adolescentes as expectativas de futuro em termos de escolaridade, trabalho, casa própria, saúde, amigos, sobre o país e os políticos, predominaram concepções em que reproduzem no futuro as suas realidades atuais e próximas; não existe a elaboração de alternativas possíveis e nem críticas ao determinismo. Sobre as possibilidades de se construir expectativas mais promissoras de futuro, ou de hipotetizar realidades diferentes das que se vive hoje, parece que a instituição escola não mostra ou não oferece recursos que em termos de conteúdo e forma de pensamento, faça uma diferença. Os estudos de Locatelli et al. (2007), sobre a motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro e a definição de uma vocação para o futuro, mostrou que a motivação pela escola, para os adolescentes de todos os seguimentos estudados está posta no presente e parece que mais devido aos seus próprios interesses.

Conclusões

A adolescência é delimitada conforme a Organização Mundial de Saúde, compreendendo a faixa etária dos 12 aos 19 anos. A diversidade e riqueza dos dados tornam difíceis a definição de um padrão de comportamento e julgamento entre os adolescentes, ao contrário reforça a concepção de que não existe adolescência e sim adolescentes. Reforça a concepção de Piaget (1986) de que a adaptação enquanto equilíbrio na interação sujeito-meio envolve um processo de auto-regulação interna do sujeito, a partir da integração de uma série de fatores como experiência e transmissão social (família, escola, amigos, mídia) e não apenas a maturação dos adolescentes (idade, amadurecimento do sistema nervoso central e endócrino).

Sobre a adaptação dos adolescentes, expressa em experiências (comportamentos) e representações (julgamentos, avaliações), podemos identificar e categorizar: situação de rua; drogadição; violência; sexualidade e gênero; trabalho; família; identidade; diferenças sociais; perspectiva de futuro.

A análise destacou adoção de padrões e valores socialmente instituídos de escola, trabalho, sexualidade e gênero, concepção de justiça social, remuneração e status social, o que significa o predomínio de julgamentos a partir de aspectos mais superficiais e imediatos, ou de acordo com a perspectiva própria: pobres e alunos de escolas públicas explicam a violência mais por questões sociais; alunos de escolas particulares e de nível sócio econômico médio e alto explicam-na primeiramente por questões pessoais, como uso de droga. O trabalho é considerado de forma ingênua e moralista; enobrece o homem. Em todas as situações não prevalece uma apreensão mais global da realidade.

As instituições família e a escola não fizeram diferença para uma reflexão mais elaborada e crítica por parte dos adolescentes. Poucas oportunidades na família e escola de conversas francas e abertas sobre sexualidade, predominando o tabu e repressão; intervenções mais de controle e segurança, ou até de policiamento por parte das escolas para lidar com a violência. Na mídia predomina a transmissão de valores instituídos socialmente. Os adolescentes de nível sócio-econômico baixo além de lidarem com as precárias condições materiais de vida sofrem desvantagens para alcançar uma apreensão mais ampla da realidade, pois precisam integrar variáveis mais díspares: a concretamente vivida e a simbolicamente instituída. As pesquisas analisadas apontam para o sofrimento dos adolescentes pobres diante dessas disparidades e não propriamente uma compreensão desse fenômeno.

A maturação, as experiências dos adolescentes e as transmissões sociais são fatores que interagem no processo de auto-regulação, adaptação. Entretanto, além daquilo que os adolescentes conhecem pelas suas experiências, as relações interpessoais e os conteúdos transmitidos pela escola, família e mídia privilegiam padrões socialmente instituídos, valorizam a aparência solicitam pouca reflexão crítica e pouco exercício da discussão baseada no respeito e na troca de pontos de vista, desfavoráveis para autonomia cognitiva e moral. Esta realidade nos põe a pensar, educadores e psicólogos, sobre o que podemos e queremos

realizar em termos macro-sociais e profissionais para contribuir no processo de formação de adolescentes diferente do que está posto.

Referências

Amazarray, M. R., Thomé, L. D., Souza, A. P. L., Poletto, M., & Koller, S. H. (2009, julho/setembro). Aprendiz versus trabalhador: adolescentes em processo de aprendizagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3). Recuperado em 15 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Araújo, L. B., & Gomes, W. B. (1998). Adolescência e as expectativas em relação aos efeitos do álcool. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(1). Recuperado em 12 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Fávero, M. E., & Abrão, L. G. M. (2006, maio/agosto). "Malhando o gênero": o grupo focal e os atos da fala na interação de adolescentes com a telenovela in *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2). Recuperado em 17 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Günthe, I. A., & Günther, H. (1998). Brasília pobres, Brasília ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(2). Recuperado em 17 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Guimarães, S. P., & Campos, P. H. F. (2007). Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicologia Reflexão Crítica*, 20(2). Recuperado em 22 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Locatelli, A. C. D., Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. É. R. (2007). A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20(2). Recuperado em 22 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Maciel, C., Brito, S., & Camino, L. (1997). Caracterização dos meninos em situação de rua de João Pessoa. *Psicologia Reflexão Crítica*, 10(2). Recuperado em 22 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Menezes, D. M. A., & Brasil, K. C. T. (1998). Dimensões psíquicas e sociais da criança e do adolescente em situação de rua. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(2). Recuperado em 25 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Menin, M. S. D. S. (2000) Representações sociais de justiça em adolescentes infratores: discutindo novas possibilidades de pesquisa. *Psicologia Reflexão e Crítica*. v.13 n.1 Porto Alegre. Recuperado em 25 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

_____. (2003). Atitudes de adolescentes frente à delinquência como representações sociais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(1). Recuperado em 27 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Oliveira, D. C., Fischer, F. M., Amaral, M. A., Teixeira, M. C. T. V., & Sá, C. P. (2005, janeiro/abril). A positividade e a negatividade do trabalho nas representações sociais de adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18(1). Recuperado em 27 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Pereira, S. E. F. N., & Sudbrack, M. F. O. (2008, abril/junho). Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2). Recuperado em 30 de março, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Piaget, J. (1982). *O Nascimento da inteligência na criança* (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).

Piaget, J. (1986). *Seis estudos de psicologia* (M. A. M. D'Amorim & P. S. L. Silva, trads.). São Paulo: Forense. (Trabalho original publicado em 1964).

Piaget, J., & Inhelder, B. (1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente* (D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Pioneira. (Trabalho original publicado s/d).

Piaget, J., & Inhelder, B. (1980) *A psicologia da criança* (O. M. Cajado, trad.). São Paulo: DIFEL. (Trabalho original publicado s/d).

Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007, janeiro/março). Lazer e uso de substâncias psicoativas na adolescência: possíveis relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1). Recuperado em 03 de abril, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Sampaio, L. R., Monte, F. C., Camino, C. P. S., & Roazzi, A.(2008). Justiça distributiva e empatia em adolescentes do Nordeste Brasileiro. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 21(2) Porto Alegre. Recuperado em 07 de abril, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Sousa, O. M. C. G., & Alberto, M. F. P. (2008, outubro/dezembro). Trabalho precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 13(4). Recuperado em 10 de abril, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Souza, L. L., & Vasconcelos, M. S. (2003, julho/dezembro). Modelos organizadores do pensamento: uma perspectiva de pesquisa sobre o raciocínio moral com adolescentes autores de infração. *Psicologia em Estudo*, 8(2). Recuperado em 10 de abril, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Wagner,A., Falcke, D., & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 10(1). Recuperado em 15 de abril, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br.

EIXO TEMÁTICO: PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO